

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Curso de Pedagogia

ISABELLA VICENTE

INFÂNCIA, GÊNERO E RAÇA: PERSPECTIVAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE

São Carlos
2025

ISABELLA VICENTE

INFÂNCIA, GÊNERO E RAÇA: PERSPECTIVAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia EaD para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia pela
Universidade Federal de São Carlos. Área de
concentração. São Carlos, 15 de junho de 2025.

Orientação: Elizângela Fernandes dos Santos
Wavamunno

São Carlos

2025

Vicente, Isabella

INFÂNCIA, GÊNERO E RAÇA: PERSPECTIVAS SOCIAIS
NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE / Isabella Vicente --
2025.
26f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Elizângela Fernandes
Banca Examinadora: Elizângela Fernandes
Bibliografia

1. Infância; Gênero; Raça; Psicologia Sócio-Histórica;
Pedagogia. I. Vicente, Isabella. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabella Vicente

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos em formato de artigo: uma contribuição
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia EaD para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia pela
Universidade Federal de São Carlos. Área de
concentração. São Carlos, 15 de junho de 2025.

Orientador(a)

Dra. Elizângela Fernandes dos Santos Wavamunno
Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR

Examinador(a)

Dr. (a) Lilian Ucker Perotto
Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR

Márcio Bernardino Sirino

Dr. Márcio Bernardino Sirino
Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso investiga como crianças compreendem as noções de gênero e raça na infância, por meio de uma pesquisa bibliográfica centrada em dissertações e teses disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A partir da perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky (1991), o estudo destaca o papel fundamental das interações sociais, mediadas pela linguagem e pelos contextos culturais, no desenvolvimento infantil. Os resultados apontam a predominância de estudos que abordam os conceitos de gênero e raça sob a ótica de adultos, com pouca ênfase na percepção das próprias crianças. Observou-se também que a maioria dos trabalhos foca exclusivamente a questão de gênero, havendo escassez de abordagens que integrem gênero e raça de forma articulada. Além disso, o estudo analisa a influência da escola e da família na reprodução de estereótipos sociais, ressaltando a urgência de práticas educativas que rompam com padrões discriminatórios. Conclui-se que compreender como se constroem socialmente as identidades de gênero e raça na infância é essencial para promover ambientes educativos mais inclusivos e equitativos, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Reforça-se, assim, a relevância da Psicologia e da Pedagogia na promoção de uma educação crítica, comprometida com a desconstrução de preconceitos desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Infância; Gênero; Raça; Psicologia Sócio-Histórica; Pedagogia

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

This undergraduate thesis investigates how children understand the concepts of gender and race during early childhood through a bibliographic review of dissertations and theses available in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). Based on Vygotsky's (1991) Socio-Historical Psychology, the study emphasizes the crucial role of social interactions—mediated by language and cultural contexts—in child development. The findings indicate a predominance of studies that address gender and race from adult perspectives, with little emphasis on the viewpoints of children themselves. It was also observed that most studies focus solely on gender issues, with few integrating both gender and race in a comprehensive manner. Furthermore, the research highlights the influence of schools and families in reproducing social stereotypes, underscoring the urgency of educational practices that challenge discriminatory norms. The study concludes that understanding how gender and race identities are socially constructed in childhood is essential for fostering more inclusive and equitable educational environments, contributing to the fight against structural inequalities in Brazilian society. Thus, the importance of Psychology and Pedagogy is reaffirmed in promoting a critical education committed to dismantling prejudice from the earliest stages of life.

Keywords: childhood; gender; race; child development; Socio-Historical Psychology; Pedagogy

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	17
2.1 OBJETIVO GERAL.....	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
4 MÉTODOS.....	22
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
6 CONCLUSÕES.....	25
7 REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, é muito comum nos depararmos com estudos, debates, artigos, dentre outros materiais cujo tema aborda questões de raça e/ou gênero, mais especificamente, a desigualdade que existe quando pensamos em ser negro ou branco, mulher ou homem. É um fato que vivemos em uma sociedade estruturada a partir de ideais sexistas e racistas, porém, pouco se discute sobre como todas estas questões são compreendidas pelas crianças desde sua primeira infância e qual a influência social que isso propaga.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo compreender como as crianças constroem e interpretam as noções sociais de gênero e raça a partir de suas experiências e interações cotidianas. Para alcançar esse propósito, propõe-se analisar como ocorre a construção da concepção de raça na infância, investigar o desenvolvimento do conceito de gênero entre crianças e relacionar essas percepções à formação da identidade infantil no contexto social. A partir desses objetivos, busca-se refletir criticamente sobre a influência de ambientes como a escola e a família na reprodução ou desconstrução de estereótipos, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas, que promovam uma educação comprometida com a equidade e a valorização da diversidade desde os primeiros anos de vida.

O desenvolvimento infantil ocorre, sobretudo, a partir da interação com o mundo (EYKEN; RIBEIRO, 2012). Isso implica que fatores como estrato social, ambiente de criação, valores da família, ano de nascimento, educação e a própria sociedade influenciam diretamente essa formação. A infância é uma fase crucial, sendo o marco inicial da vida cognitiva, emocional, física e social.

O desenvolvimento está relacionado com a aprendizagem da linguagem, uma vez que esta permite os tratos sociais (REGO, 1995). A conquista da linguagem é essencial para um bom desenvolvimento, visto que é por meio da fala que as relações sociais são estabelecidas, permitindo a expressão e a organização de pensamentos. As interações sociais são meios da criança utilizar a linguagem como instrumento do pensar, assim interioriza as vivências que obteve no meio em que se está inserida (REGO, 1995).

Para Vygotsky (1991), as funções psicológicas superiores, como a capacidade de planejamento, a memória voluntária e a imaginação, não são inatas, mas se originam nas relações sociais e se desenvolvem por meio da internalização de comportamentos culturais. A evolução do pensamento é determinada pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança.

Dentro da estrutura familiar, as construções sociais também são interpretadas e percebidas de diversas formas. As normas, culturas, regras e crenças praticadas no ambiente

familiar constituem a porta de entrada da criança para a vida em sociedade, afetando diretamente seu desenvolvimento e a maneira como percebe a si mesma e aos outros. Nesse cenário, a seguinte pergunta se apresenta: de que maneira as vivências sociais na infância auxiliam na formação das identidades de gênero e raça?

Outras perguntas foram levantadas a partir deste questionamento, a fim de ter uma ampla visão na forma como as crianças entendem tais concepções. De que forma a escola influencia o comportamento? Visto que o desenvolvimento infantil se dá a partir de sua interação com o mundo (EYKEN; RIBEIRO, 2012) o problema também levantado é de como as crianças

inseridas no meio educacional enxergam para além das questões raciais e de gênero e como isto influencia em sua formação como indivíduo dentro da sociedade.

De acordo com Eyken e Ribeiro (2012), o desenvolvimento infantil se dá a partir da interação com o mundo, logo isso implica: estrato social da criança, local de criação, ano de nascimento, cuidadores com seus valores e suas crenças, educação e sociedade. A infância é uma fase importante devido ao fato dessa ser o marco inicial da vida cognitiva, emocional, física e social.

O desenvolvimento está ligado ao aprendizado da linguagem, pois ela é fundamental para as interações sociais (REGO, 1995). Aprender a falar é essencial para um bom crescimento, já que é através da fala que as crianças criam laços com os outros, expressam suas ideias e organizam seus pensamentos. As trocas ajudam a criança a usar a linguagem como uma ferramenta para pensar, interiorizando as experiências que vive no ambiente onde está inserida (REGO, 1995).

Para Vygotsky (1991), as funções psicologicamente superiores tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação não são processos inatos, mas sim originados nas relações humanas e se desenvolvem por meio da internalização de comportamentos culturais. A evolução do pensamento é determinada pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança.

As construções sociais também são entendidas e percebidas de diferentes modos dentro da estrutura familiar. Conjuntos de normas, cultura, regras e crenças praticadas dentro do contexto da família vai ser a porta de entrada do sujeito para a sociedade, contribuindo em seu desenvolvimento e a forma como enxerga a si mesmo e o outro.

Para a compreensão do tema deste trabalho, se faz necessário o entendimento dos conceitos de "gênero" e "raça" que aqui serão abordados. Logo de início, é importante que seja enfatizada a diferença entre os termos "gênero" e "sexo", a fim de não confundí-los. Beauvoir (1949, p. 9) aponta em sua obra que *"ninguém nasce mulher: torna-se mulher"*, ao afirmar que a definição do que é ser mulher perante a sociedade não parte de um meio biológico, psíquico ou até mesmo econômico. A pessoa do sexo feminino só se torna mulher a partir do momento em que a cultura em que se está inserida passa a separá-la das pessoas do sexo masculino ao impor normas e regras do que é "ser mulher", reflexão que se mostra verdadeira tanto quando falamos de mulheres, quanto de homens e, mais especificamente, quando falamos de gênero.

Gênero não é necessariamente derivado do sexo atribuído às pessoas se mostra independente do sexo, o gênero como sendo socialmente construído se torna um artifício flutuante, visto que existem diferenças culturais e sociais que o afetam. Sendo assim, o gênero

é bem mais fluido e não necessariamente binário, como destacado por Butler (2003, p. 24): [...] mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois.

Ao falarmos de gênero, se torna necessária a definição de outro conceito, o de identidade. Na Psicologia Social, muitos fatores contribuem na formação de um único indivíduo, sendo importante destacar aqui que a identidade é relacional, ou seja, a identidade de um indivíduo reflete em outro e vice-versa. O conhecimento de uma pessoa existe a partir do reconhecimento mútuo dos indivíduos através de um determinado grupo social (CIAMPA, 1984).

Para Ciampa (1984, p. 65): "a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural", ou seja, aquilo que somos e com o que nos identificamos só existe em relação ao grupo social no qual estamos inseridos. A noção inicial que temos de identidade surge a partir das diferenças e igualdades dos grupos sociais dos quais fazemos parte, assim os indivíduos continuamente encontram semelhanças e diferenças entre si e as outras pessoas em seus diferentes grupos sociais. Porém, é importante ressaltar que a identidade não se limita ao grupo, existem diferenças no agir que tornam cada indivíduo único.

Os conceitos de gênero e raça estão diretamente ligados a construções sociais e históricas. A ideia de raça, inicialmente utilizada para diferenciar linhagens e classes sociais como nobres e plebeus, já circulava entre os séculos XVI e XVII como justificativa para relações de poder e dominação. Durante o período das grandes navegações, no século XV, a descoberta de outros povos levou a novas interpretações, nas quais a teologia buscava explicar as diferenças a partir da origem comum em Adão (MUNANGA, 2004).

A partir do século XVIII, no entanto, o Iluminismo rompe com a explicação religiosa e propõe uma classificação baseada em características físicas como cor da pele, formato do nariz e textura do cabelo. Munanga (2004) afirma que o conceito de raça não se aplica entre os seres humanos, pois as diferenças genéticas são mínimas. Isso indica que o conceito de raça é político e ideológico e é utilizado historicamente para justificar desigualdades, dominação, exclusão e discriminação de determinados grupos sociais.

A escola é um ambiente heterogêneo onde crianças se deparam com as mais diversas culturas, religiões, condições sociais, econômicas e contextos familiares diferentes do que costumam observar em suas próprias casas. É necessário que a escola, sendo uma instituição

que visa a formação de cidadãos conscientes e com valores busque de uma maneira responsável e respeitosa abrir espaços para as diversidades das crianças ali presentes.

O entendimento de gênero e raça na primeira infância é de extrema importância, pois, com esta compreensão é possível analisar como as crianças entendem a si mesmo e ao outro e como tais construções são feitas ao longo de seu desenvolvimento infantil. A Pedagogia, compreendendo tais fatores, buscará junto às crianças e ao meio cultural/social formas de lidar com o sexismo e o racismo desde os primórdios do desenvolvimento. Assim, sendo possível analisar como e de quais formas essas construções afetam o mundo interno e externo das crianças, investigando os impactos e analisando maneiras de derrubar estas construções sexistas e racistas que permeiam a sociedade.

O trabalho da Pedagogia e também juntamente com as famílias pode quebrar alguns estereótipos, visando uma educação livre de preconceitos e um ambiente saudável para que estas crianças cresçam sem medo de julgamentos. Para que isso ocorra, é necessário analisar a raiz do desenvolvimento: a infância.

Para alcançar o objetivo deste trabalho, adoto a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (1991), com ênfase em sua teoria do desenvolvimento, que destaca o papel das interações sociais e das condições de vida na formação dos sujeitos. A partir dessa perspectiva, analiso o material selecionado na revisão bibliográfica, com o intuito de compreender melhor como as crianças constroem suas percepções sobre gênero e raça ao longo do desenvolvimento e de que maneira essas construções influenciam esse processo.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como as crianças constroem e interpretam as noções sociais de gênero e raça, considerando suas experiências e interações sociais.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como as crianças desenvolvem a concepção de raça na infância;
- Investigar a construção do conceito de gênero entre crianças;
- Relacionar as percepções de gênero e raça à formação da identidade infantil no contexto social.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da construção social de gênero e raça na infância demanda o entendimento de conceitos centrais abordados por diversos autores. Vygotsky (1991) ressalta que o desenvolvimento na infância se dá por meio da interação com o ambiente social, onde a linguagem desempenha um papel fundamental na formação do pensamento e na assimilação de conceitos sociais. Nesse sentido, a formação da identidade é compreendida como relacional, conforme defendido por Ciampa (1984), sendo construída nas interações com o meio cultural e social.

No que se refere à concepção de raça, Munanga (2004) evidencia que o conceito, historicamente usado para diferenciar espécies animais e vegetais, foi transposto para os humanos em um processo político-ideológico de dominação e exclusão. Apesar das diferenças genéticas humanas serem mínimas, o conceito de raça foi utilizado para justificar práticas de discriminação racial e exclusão social, realidade ainda presente no Brasil, disfarçada pelo mito da democracia racial (GUIMARÃES, 2001).

Em relação ao gênero, Beauvoir (1949) e Butler (2003) ressaltam que o gênero é uma construção social, desvinculada do sexo biológico, sendo historicamente condicionado por normas culturais. Haraway (2004), em “*Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*”, e Narvaz e Koller (2006), em “*Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa*”, apontam que o patriarcado consolidou uma organização social em que o homem ocupa posição de privilégio, controlando corpos e sexualidades femininas.

A família e a escola aparecem como agentes fundamentais nesse processo. Segundo Miranda (2010), a escola pode tanto reproduzir padrões de discriminação quanto atuar na desconstrução de estereótipos. Estudos de Santos (2016), em “*Socialização de gênero na educação infantil: uma análise a partir da perspectiva das crianças*”, e de Campos (2016), em “*Os girôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica da literatura infantil negra nos anos iniciais do ensino fundamental*”, mostram que a percepção infantil sobre raça e gênero ainda é pouco explorada do ponto de vista das próprias crianças, sendo a maioria das pesquisas centrada em visões *adultocêntricas*.

Assim, a literatura aponta que a infância é um momento crucial para a formação de identidades e que a compreensão das construções sociais de gênero e raça é fundamental para a promoção de práticas educativas inclusivas e equitativas.

Dessa forma, a teoria de Vygotsky contribui para uma melhor compreensão da construção da identidade na infância. Nesse contexto, a teoria de Vygotsky contribui significativamente para a compreensão do desenvolvimento da identidade na infância. Segundo o autor, o sujeito se forma por meio das interações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura. O desenvolvimento individual ocorre por meio da relação com o meio social e cultural em que a criança está inserida, uma vez que os processos psíquicos superiores, como a atenção voluntária, a memória lógica e a formação de conceitos, se constroem a partir de instrumentos culturais como a linguagem, a escrita e o desenho (VYGOTSKY, 1987).

A psique humana se torna essencialmente social, uma vez que nascemos em uma cultura previamente estruturada. E, dessa forma, contrapõem-se as teorias que consideram o desenvolvimento como um processo individual e inato.

A identidade, portanto, não é algo fixo, mas se constrói dinamicamente nas relações sociais. A partir da concepção da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Vygotsky (1988) enfatiza o papel ativo da criança em seu próprio processo de formação, sempre mediado pelas experiências sociais que vivencia. Ao considerar marcadores sociais como gênero e raça, compreende-se que tais construções também impactam a formação da identidade infantil.

Ciampa (1984) aponta a identidade como sendo relacional, ou seja, a forma como nos identificamos é sempre em relação a outra pessoa, afirmando assim que as identidades das crianças são construídas a partir dos diversos meios nos quais ela está inserida, como o meio familiar e escolar, e os valores culturais passados pelos mesmos. Em suma, a identidade da criança é constituída a partir de significados socialmente constituídos que são mediados por outra pessoa (adulto ou outras crianças) até que sejam internalizados para que, posteriormente, possam ser elaborados individualmente de modo a torná-la um indivíduo único (MATTOS; CASTANHO; FERREIRA, 2003).

Segundo Pereira (2002 *apud* MÁXIMO *et al*, 2012), a identidade racial é uma construção histórica para além de caracteres físicos e biológicos individuais de uma raça. Essa identidade é elaborada diante de interpretações socioculturais dos grupos em que o sujeito está inserido, em conjunto com o significado emocional que tal pertença possui (TAJFEL, 1981 *apud* MÁXIMO *et al*, 2012).

Deste modo, podemos perceber que, de acordo com o meio social em que vivemos, crianças brancas estão mais propensas a desenvolver sua identidade tendo um autoconceito positivo do que crianças negras, asiáticas e/ou indígenas, pois estas são por muitas vezes representadas de forma estereotipada e preconceituosa tanto em histórias infantis quanto na fala de adultos sobre elas. Além disso, é comum que crianças negras tenham dificuldade de se

identificar dessa forma, muitas vezes sofrendo com a questão do branqueamento racial, como mostra um estudo “*Processos de identidade social e exclusão racial na infância.*” realizado por Silva, Pereira e Camino (2002 *apud* Máximo *et al*, 2012) em uma escola em João Pessoa, a qual buscava analisar as preferências raciais em níveis de beleza, aptidões sociais, moral, competições esportivas e de conhecimentos gerais por meio de apresentações em formato de “histórinhas”. As figuras brancas foram as mais preferidas na história de concurso de beleza, tendo um nível de 80% de preferência, enquanto as de figuras morenas tiveram apenas 12% e as negras 8% (SILVA, 2002 *apud* Máximo *et al*, 2012).

Em outra situação apresentada, foi pedido que as crianças apontassem qual dessas figuras seria a responsável pelo furto de um estojo (nível moral). As figuras morenas e negras, nesse caso, foram as que tiveram níveis mais altos. 31% e 43% respectivamente, enquanto figuras brancas obtiveram 26% (SILVA, 2002 *apud* Máximo *et al*, 2012). É possível observar com os resultados dessa pesquisa que as figuras brancas são escolhidas em características socialmente favoráveis, e as figuras negras, em contrapartida, são apontadas em características indesejáveis socialmente (SILVA, 2002 *apud* Máximo *et al*, 2012).

De acordo com Máximo, Larrain, Nunes, Lins (2012), a definição de preconceito vem se modificando nos últimos anos. O preconceito tem sido demarcado por uma relação intergrupual em que há relações de poder entre os grupos minoritários e majoritários. O primeiro sofre com comportamentos agressivos e discriminatórios diante de grupos majoritários. A identidade de cada pessoa vai sendo construída diante de tais comportamentos, os quais envolvem discriminação, exclusão social, opressões individuais ou coletivas (Máximo *et al*, 2012).

Dessa forma, práticas pedagógicas conscientes favorecem o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e crítica, contribuindo para uma educação mais inclusiva e transformadora (VYGOTSKY, 1991). Principalmente para os alunos que estão dentro de grupos minoritários. A escola tem uma importância incontestável no desenvolvimento da mente de uma criança e na formação de suas identidades. Segundo Miranda (2010), ao mesmo tempo que este ambiente pode trabalhar as diferenças raciais com as crianças, a fim de combater a desigualdade, é comum que o contrário venha a acontecer. Em muitos casos, crianças acabam vivenciando situações discriminatórias e internalizando a valorização de padrões eurocêntricos na escola, o que acaba sendo positivo somente para crianças que têm tais características, mas não para as demais.

Todos os grupos sociais nos quais a criança está envolvida também serão importantes mediadores para seu desenvolvimento e a forma como esta conceitua o mundo. O indivíduo apenas poderá estabelecer pensamentos críticos e mudar conceitos aprendidos de acordo com sua própria identidade e entendimento de mundo quando tudo já estiver internalizado, assim um processo que era antes interpsicológico (do indivíduo em relação aos outros) se transforma em um processo intrapsicológico (do indivíduo com ele mesmo), porém, inicialmente, todos os conceitos aprendidos por crianças virão de adultos e/ou outras crianças (SMOLKA; GOÉS, 1993). Sendo assim, é possível dizer que o primeiro entendimento do conceito social de gênero na infância pode ser influenciado e muitas vezes distorcido por estereótipos vindos do sistema patriarcal.

4 MÉTODOS

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual pode ser definida como um procedimento metodológico com o intuito de levantar conhecimentos, soluções, análises e explicar o objeto em que está sendo estudado. Todo objeto de estudo é histórico, possui consciência histórica, apresenta uma identidade com o sujeito pois ao investigar o objeto o pesquisador se identifica com o mesmo, é intrínseca e extrinsecamente ideológico visto que trabalha com questões historicamente construídos e também essencialmente qualitativo. É um processo de pesquisa com base científica que avalia e questiona dados a fim de reconstruir e atualizar a realidade (LIMA; MIOTO, 2007).

Esta pesquisa foi realizada a partir de trabalhos encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que foram analisados à luz da teoria sócio-histórica, especialmente com base nas contribuições de Vygotsky (1991; 1987). Foi realizado uma análise crítica de todo o material levantado sobre a concepção de raça e gênero na infância, a fim de investigar o objeto de estudo e contribuir para as pesquisas sobre o mesmo, buscando encontrar mais conhecimento e explicações.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de encontrar trabalhos já publicados que discutem o entendimento dos conceitos de gênero e raça na infância. Na pesquisa, realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram encontrados 8 resultados relevantes para esta pesquisa, dos quais 7 (sete) são dissertações e 1 (um) tese, todas publicadas entre 2016 e 2018. Nesta parte do trabalho, será realizada uma análise crítica destes trabalhos a partir da teoria sócio histórica.

É importante ressaltar aqui que o objetivo deste trabalho era, inicialmente, entender como é formada a identidade social de gênero e raça na infância da perspectiva das próprias crianças, porém a maioria dos trabalhos encontrados discute o tema a partir de visões adultas, de pais ou professores, e não focam exclusivamente nas crianças. Em sua dissertação, Santos (2016) aborda, de forma muito relevante, a cultura *adultocêntrica* em que vivemos, a qual não considera meninos e meninas como parte importante de nosso grupo social e, sendo assim, pesquisas sobre crianças são, em sua maioria, feitas com adultos.

Em sua pesquisa, Santos (2016) investiga os sentidos produzidos por crianças de 5 (cinco) anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) em Belo Horizonte sobre relações de gênero. A pesquisa conta com uma sala de 18 (dezoito) meninos e 7 (sete) meninas, uma professora titular (mulher) e um professor assistente (homem). Dentre as crianças, 78,33% são entendidas como negras pelos pais. O autor não se aprofunda na questão de raça, visto que sua pesquisa é exclusivamente sobre relações de gênero. É importante destacar aqui que, das pesquisas encontradas, 62,5% (ou seja, a maioria) focam seus estudos somente na questão do gênero, 25% abordam tanto raça quanto gênero e somente 12,5% estuda apenas a questão de raça.

Santos (2016) leva a sua pesquisa à diferentes grupos sociais frequentados pelas crianças da EMEI, como escola, família, igreja, dentre outros, o que faz sentido uma vez que sabemos que o construto social de gênero é compreendido pela criança a partir do que a mesma observa nos grupos sociais dos quais faz parte e nas relações entre homens e mulheres presentes na sua vida.

Desde o início da pesquisa, fica claro para o autor que, em nossa sociedade, é comum que o espaço seja construído de forma a separar os gêneros, principalmente dentro das escolas, que é o principal ambiente ocupado por crianças. Um exemplo disso são cartazes espalhados pela escola, que quase sempre apresentam uma figura com aspectos masculinos e outra com

aspectos femininos (muitas vezes categorizados pelas cores azul - para o menino - e rosa - para a menina).

Os brinquedos considerados "de menina", como bonecas e panelinhas também são posicionados de forma separada dos brinquedos "de menino", como carrinhos e ferramentas. Até mesmo a cor dos banheiros (rosa para o feminino e azul para o masculino) divide os gêneros de forma muito binária (SANTOS, 2016).

Sendo assim, é possível perceber como o meio social em que vivemos associa o conceito de gênero ao sexo, como se fosse algo biológico, porém, como já apresentado anteriormente, o gênero nada mais é do que um artifício flutuante construído socialmente e não necessariamente binário (BUTLER, 2003). Nas crianças, a categorização de gênero no espaço acaba resultando na divisão entre elas, por exemplo, na hora de brincar.

Santos (2016) observa diversos momentos em que meninas brincam em um espaço e meninos em outro, assim como falas das crianças que mostram que estas acreditam que existem brinquedos diferentes destinados a cada gênero. Tais ações das crianças demonstram como um espaço configurado por adultos influenciados por papéis de gênero socialmente construídos tem influência nas crianças, que acabam se dividindo também, criando assim uma ideia de que meninos e meninas têm papéis diferentes na sociedade desde cedo (meninas devem brincar de bonecas, enquanto meninos devem brincar de carrinhos).

6 CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o entendimento de gênero e raça na infância ainda é um campo de estudo que carece de abordagens centradas nas próprias crianças. A maioria das pesquisas encontradas adota uma perspectiva adultocêntrica, ou seja, parte do olhar de adultos – como pais, mães e professores – para interpretar as vivências infantis. Essa postura, embora possa trazer contribuições importantes, acaba por obscurecer ou até distorcer as percepções, sentimentos e interpretações das próprias crianças em relação às questões de gênero e raça.

Ao excluir as vozes infantis do processo investigativo, perde-se a oportunidade de compreender como elas mesmas elaboram sentidos, constroem identidades e se posicionam no mundo social. Essa lacuna revela um aspecto importante da cultura adultocêntrica em que vivemos: a criança ainda é vista como um ser em desenvolvimento, incompleto, que precisa ser conduzido, e não como um sujeito social ativo, produtor de cultura e capaz de refletir sobre sua realidade.

Além disso, ao priorizar visões adultas, os estudos tendem a reforçar normas e padrões sociais já estabelecidos, em vez de questioná-los a partir das experiências infantis. Isso tem impactos diretos na forma como gênero e raça são trabalhados em ambientes como a escola e a família, perpetuando estereótipos e práticas discriminatórias muitas vezes sem a devida reflexão crítica.

A pesquisa bibliográfica realizada revelou a escassez de estudos que abordem diretamente a percepção infantil sobre essas temáticas, sendo predominante a análise a partir de olhares adultos. Essa lacuna evidencia a necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos ativos na produção de sentidos sobre si mesmas e sobre o mundo social que as rodeia.

Verificou-se que a escola e a família possuem papéis centrais tanto na reprodução quanto na desconstrução de estereótipos sexistas e racistas. A literatura aponta que, apesar dos avanços sociais, práticas discriminatórias continuam a ser internalizadas pelas crianças, muitas vezes de forma sutil, como demonstrado nos estudos revisados. O mito da democracia racial e a manutenção de papéis de gênero tradicionais ainda permeiam o cotidiano escolar e familiar, o que reforça desigualdades estruturais.

Assim, destaca-se a importância de práticas pedagógicas e de intervenção psicológica que considerem a diversidade e a pluralidade social, buscando promover uma formação cidadã crítica e inclusiva. A Pedagogia, nesse contexto, deve atuar na compreensão das dinâmicas sociais que impactam o desenvolvimento infantil e propor estratégias que favoreçam o respeito às diferenças, a equidade e a construção de identidades positivas desde a infância.

Conclui-se que a reflexão sobre a construção social de gênero e raça na infância é fundamental para a transformação das relações sociais e para o enfrentamento das desigualdades que ainda marcam a sociedade contemporânea.

7 REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. A experiência vivida. In: _____. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949. vol. 2, p. 9.

BENTO, A. Como fazer uma revisão de literatura: considerações teóricas e práticas. *Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)*, 2012.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, M. T. A. *Família, gênero e sexualidade: uma análise do discurso de pais de meninos e meninas*. 2017, 76p. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

CAMPOS, W. R. *Os girôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica da literatura infantil negra nos anos iniciais do ensino fundamental*. 2016, 328p. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

CARONE, I. Breve histórico de uma pesquisa psicosocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, I. BENTO, M. A. S. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. cap. 1

CARVALHO, N. C. *Estilos de socialização parental, identidade de gênero e sexismo na infância*. 2016, 132p. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia Social) - Centro de Ciências de Educação e de Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M; CODO, W (Orgs.) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75

EYKEN, E. D. V; RIBEIRO, C. D. M. **Desenvolvimento infantil: seus agentes e as políticas públicas do município do Rio de Janeiro**. Physis, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1085- 1099, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v22n3/13.pdf>.

FELIPE, J. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. In: 22ª Reunião Anual da ANPEd, 1999, Caxambu. *Anais da 22ª Reunião Anual da ANPEd*, 1999. Disponível em: http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf.

GUIMARÃES, A. S. A. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 61, p. 147-162, 2001.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, 2004. p. 201-246

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Katálisis*, Florianópolis, v. 10, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=pt&tlng=pt.

MATTOS, R. M; CASTANHO, M. I. S; FERREIRA, R. F. Contribuição de vygotsky ao conceito de identidade: uma leitura da autobiografia de esmeralda. *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2003.

MÁXIMO, T. A. C. O; LARRAIN, L. F. C. R; NUNES, A. V. L; LINS, S. L. B. Processos de identidade social e exclusão racial na infância. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 507-526, 2012.

MIRANDA, D. B. *Princesas de contos de fadas e crianças negras: racismo, estética e subjetividade*. 2010, 37p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2010.

MONTALVÃO, L. A. S. *"Eu vou andar de trem / você vai também"*: uma viagem pela dinâmica de constituição cultural das crianças de uma turma de 3 anos na educação infantil. 2017, 261p. Dissertação (Pós Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói, Rio de Janeiro, 2004.

NARVAZ, M. G; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, abr. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822006000100007&script=sci_arttext&tlng=pt

OLIVEIRA, A. A. S; TRANCOSO, A. E. R; BASTOS, J. A; CANUTO, L. T. Metassíntese: apontamentos para sistematização de revisões amplas e crítica interna à produção científica. *In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA*, 4., 2015, Aracaju. *Atas - Investigação Qualitativa na Saúde*. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2015.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, S. V. S. *Socialização de gênero na educação infantil: uma análise a partir da perspectiva das crianças*. 2016, 303p. Tese (Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, A. L. *"Meninos danados": uma etnografia interpretativa da infância sertaneja que inclui a participação política das crianças de Catingueira* - PB. 2018, 264p. Tese (Pós-Graduação em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILVA, J. P. M. *Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo: a invenção de modos de vida transviados*. 2018, 144p. Dissertação (Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SMOLKA, A. L. B; GÓES, M. C. R. *A linguagem e o outro no espaço escolar: vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1993.

VASCONCELOS, D. C. *Concepções de mães, pais e educadoras sobre o desenvolvimento infantil e gênero*. 2017, 280p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

ZANELLA, A. V. **Zona de Desenvolvimento Proximal: Análise Teórica de um Conceito em Algumas Situações Variadas**. *Temas psicol.*, 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200011&lng=pt&nrm=iso>.